

Aprender com Nei Leite Xakriabá: a cerâmica Xakriabá como máquina de guerra

Learn with Nei Leite Xakriabá: Xakriabá ceramics as a war machine

Carolina Tamayo¹

Resumo: Esta comunicação parte da concepção da prática das cerâmicas Xakriabá como uma arte capaz de criar mundos orientada por critérios de uma epistemologia não ocidental. Os registros e dados desta escrita foram produzidos durante o desenvolvimento de uma atividade de ensino junto a Nei Xakriabá no Curso de Formação Intercultural para Educadora Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais. O objetivo é analisar como a prática da cerâmica Xakriabá se constitui num modo de resistência deste povo contra a colonialidade do saber. Conclui-se que a manutenção da cultura Xakriabá mediante o ensino da prática da cerâmica Xakriabá aos mais jovens é uma estratégia decolonial que possibilita questionar as lógicas eurocentradas, estratégia de um agir nômade, a cerâmica Xakriabá máquina de guerra.

Palavras-chave: Etnomatemática. Educação Indisciplinar. Filosofia da Educação. Educação Indígena.

Abstract: This communication is based on the conception of the practice of Xakriabá ceramics as an art capable of creating worlds guided by criteria of a non-Western epistemology. The records and data in this writing were produced during the development of a teaching activity with Nei Xakriabá in the Intercultural Training Course for Indigenous Educators at the Federal University of Minas Gerais. The objective is to analyze how the practice of Xakriabá ceramics constitutes a form of resistance by these people against the coloniality of knowledge. It is concluded that maintaining the Xakriabá culture through teaching the practice of Xakriabá ceramics to young people is a decolonial strategy that makes it possible to question Eurocentric logics, a strategy of nomadic action, the Xakriabá ceramics war machine.

Keywords: Ethnomathematics. Non Disciplinary Education. Philosophy of Education. Indigenous Education.

1 Arte para decolonizar(te)

“A arte é uma batalha de se manter estrategicamente rebelde, já que as autonarrativas são um privilégio para poucos. Achar um jeito de penetrar na epistemologia a partir de uma autonarrativa é uma contra-narrativa, uma prática decolonial.”
(Eshell, 2018)

Manter batalhas para me manter estrategicamente rebelde. Me manter estrategicamente rebelde para (des)aprender junto aos povos indígenas, rebelde desde meu olhar como mulher branca, camponesa, colombiana, latino-americana, residente no Brasil... Rebelde, inSURgente num devir que luta nas minoridades, inacabado, um devir que se alimenta dos desvios à colonialidade para buscar a arte indígena como espaço para decolonizar(se)(te). Práticas artísticas indígenas sem moldes do pensamento, o experimentar com o barro, amassar com as mãos e pés, palavras, sons... juntar e separar. Desmontar. Justapor... (De)formar... A arte que

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil. ✉ e-mail: carolina.tamayo36@gmail.com
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8478-7845>

acontece com o barro e que movimenta signos, corpos que abrem os olhos e afinam os ouvidos. A arte das cerâmicas Xakriabá que atíça a pele e ecoa no corpo atravessando as salas de aulas e vai para o forno².

Deste modo, parto da arte das cerâmicas do povo Xakriabá de Minas Gerais (Brasil), do trabalho do artista Nei Xakriabá como principal promotor desta prática tanto dentro do povo Xakriabá quando no mundo (Ver figura 1).

Figura 1. Ceramista e professor Nei Xakriabá.



Fonte: Acervo da pesquisadora

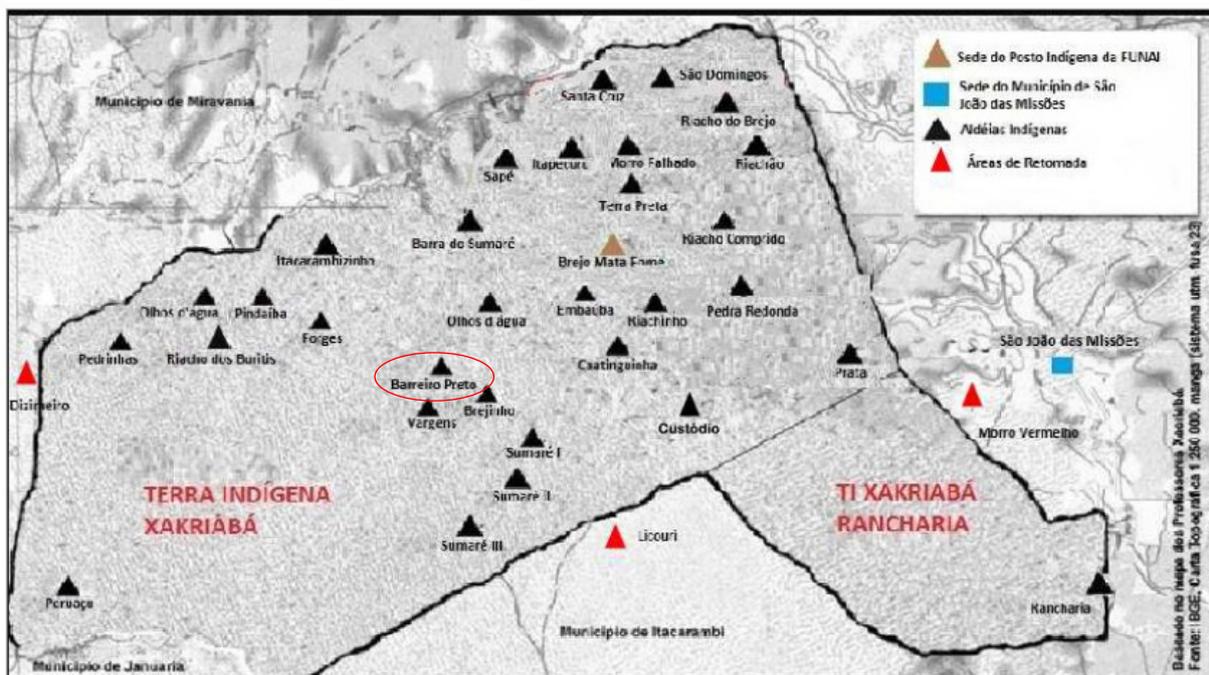
Nei colocou aos estudantes do Curso de Formação para Educadores Indígenas (FIEI) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil) e as professoras e bolsistas diante da cerâmica como “invenções de máquinas de guerra, irredutíveis aos aparelhos de dominação e às soberanias hierárquicas. Necessárias à invenção guerreira de si” (Carneiro, 2007, p. 220). A prática de elaboração de cerâmicas Xakriabá entrou na sala de

² Este objetivo caminha junto com o movimento que vem sendo desenvolvido no projeto de pesquisa intitulado “*A opção decolonial em Educação Matemática: problematizando a formação inicial de professores*” e financiado pela chamada de projetos universais CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021 (2022-2025), em que se encontram envolvidos investigadores, mestrands, doutorands e alunos de graduação de 9 (nove) universidades brasileiras.

aula de formação de professores indígenas como um dispositivo capaz de contrariar os aparelhos de Estado. Arte cerâmica máquina de guerra Xakriabá, no sentido de seu uso estético, político e social, para dismantelar modelos de conhecimento hierárquicos. É por isto que, procuro com esta escrita analisá-la como Educadora Matemática como um dos modos de resistência deste povo contra a colonialidade do saber.

Todos os registros e dados aqui apresentados são produto da participação da pesquisadora numa aula que aconteceu em 22 de novembro de 2023 na Aldeia de Barreiro Preto localizada em São João das missões (Ver figura 2), onde arte escapou aos museus para sua contemplação.

Figura 2. Terra Indígena Xakriabá São João da Missões



Fonte: Adaptado de Oliveira (2008)

É importante lembrar-vos que nesta aldeia Xakriabá uma escola foi incendiada, foi alvo das violências racistas que acometem aos indígenas. A escola foi reconstruída, e foi no espaço de cultura dela que nossa aula aconteceu. A Escola Xukurank foi alvo de um atentado que aconteceu na madrugada do dia 24 de junho de 2021 (ver figura 3), após diversas ameaças contra vida das pessoas que vivem no território. É importante não esquecermos deste fatos que nas palavras do cacique Domingos Nunes “foi um crime bárbaro contra todo o nosso povo, contra a nossa educação. A gente espera que a justiça possa tomar as providencias e chegar aos autores que praticou esse crime tão bárbaro”³.

³ Fragmento de fala do cacique Domingos Nunes disponível na nota de jornal intitulada “Escola Indígena Xukurank, em São João das Missões, será reconstruída” publicada em 13/07/2021. Disponível: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2021/07/13/escola-indigena-xukurank-em-sao-joao-das-missoes-sera-reconstruida.ghtml>

Figura 3 . Escola Xukurank após do incêndio.



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2021/07/13/escola-indigena-xukurank-em-sao-joao-das-missoes-sera-reconstruida.ghtml>

A escola Xukurank nos acolheu para o desenvolvimento das atividades de intermódulo do curso e, na sala de aula de cultura aconteceu nosso encontro Nei Xakriabá (ver figura 4). Estivemos presentes duas professoras, três bolsistas e mais de sessenta alunos do FIEI/UFMG.

Figura 4. Casa cultura da escola Xukurank.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Ver a escola reerguida (Ver figura 5) após de termos vivenciado tamanha tragédia e violência, nos deu um alívio, nos mostrou a força deste povo, mas ao mesmo tempo na ocasião me levou – e ainda me leva- a pensar sobre como o extermínio e a violência contra os povos originários no Brasil não cessa. Uma violência sistêmica de longa duração que incide fundamentalmente nos corpos e na territorialidade destes povos, seja nas disputas por terra, seja no impedimento da manutenção da sua cultura de forma livre a partir de seus pressupostos cosmogônicos. Vi ali, a colonialidade do poder e do saber agindo descaradamente através do “epistemicídio” presente na tentativa de eliminação das práticas e saberes indígenas ao atacar a escola indígena Xukurank. Esta escola renasceu das cinzas e continua a fazer frente às violências praticadas como parte das reivindicações do povo Xakriabá.

Nos reunimos todos no espaço de cultura da escola esse dia, ansiosos esperando a chegada de Nei Xakriabá quem ministraria uma aula para nós sobre cerâmica Xakriabá.

Estávamos prestes a vivenciar uma educação subversiva e transgressora que passa pelo barro, pelo calor dos fornos e que, nos permitiria dar lugar à articulação entre saberes.

Figura 5. Escola indígena Xukurank.



Fonte: Arquivos fotográficos cedidos por Geilson Humnixia Xakriabá pintor da escola.

Nós estávamos sentados ao redor de Nei e do barro (ver figura 6), atentos e dispostos para (des)aprender junto com a prática das cerâmicas indígenas Xakriabá, prática que vem cada vez mais ganhando espaço e reconhecimento, que vem a responder a um anseio que os Xakriabás têm da manutenção da cultura e práticas próprias retomando os costumes e tradições para o fortalecimento e a valorização da sua cultura na escola como um espaço intercultural.

Figura 6. Estudantes e professores ao redor de Nei Xakriabá.



Fonte: acervo da pesquisadora

Vanginei Leite Silva, conhecido como Nei Leite Xakriabá, apresentou-se a nós todos, alguns de nós não o conhecíamos. Ele foi escolhido pelas lideranças indígenas anos atrás para se tornar professor de cultura, devido a sua percepção sobre a importância das práticas culturais e seu ensino na escola. Quando começou a dar aulas percebeu a importância de transgredir as disciplinas escolares ao colocá-las em relação com a prática das cerâmicas. Foi assim como ele buscou aprender sobre os conhecimentos que envolvem a prática de modelar o barro com a sua mãe, Dona Dalzira, que por sua vez aprendeu observando sua avó quando tinha seis anos de idade.



Conheça mais sobre Nei Xakriabá e sobre a prática das cerâmicas. Leia o QRC com a câmera do seu celular.

Nei ao narrar sua história nos conduzia, sem sequer sabermos, para vivermos uma experimentação estética que não buscava, nem que determinássemos a essência dos conhecimentos envolvidos no fazer/saber da prática, nem nos levar ao fundo do objeto artístico. Ele nos convidou para viver tal experiência estética sem nos perguntar “o que aquilo era?”, mas com o propósito de aprendermos com signos que essa prática movimentava, focar nosso olhar no que essa arte é capaz de mobilizar em nossos corpos – corpos professoras formadoras, corpos bolsistas, corpos futuros professores indígenas Xakriabá-. O caráter experimental desta aula foi imprescindível, o aprender que passava nessas horas por nós, não era o da reconhecimento, mas um aprender no qual a obra de arte cerâmica apareceu “[...] realmente como experimentação” (Deleuze, 1974, p. 262).

A aula de Nei não nos pedia para buscar uma verdade que pudesse explicar os movimentos das suas mãos e o moldar do barro, ao contrário procurava pela potência dos efeitos que das suas ações emanavam, passando por identificar o barro que pode ser utilizado para a moldagem, as tintas usadas para pintar cada novo artefato confeccionado, até a construção do forno. O aprender se manifestava na ordem da experimentação, envolvendo a sensibilidade ao estar imersos nos signos que ali se mostravam. Os signos são emitidos por pessoas, seres, objetos, matérias, eles não são as pessoas, os seres, os objetos ou as matérias. Signos são *emitidos* “o signo é aquilo que se passa na intensidade dos encontros” (Nascimento, 2012, p. 18).

Na preparação do barro, os cuidados começam antes de tirar o barro. É importante escolher a quadra de lua para tirar o barro. As lua minguante é muito novinha não são boas para tirar o barro porque racha muito. A lua boa para tirar o barro é a quarto crescente para cheia. (Leite, 2017 p. 10)

Dependendo da peça você escolhe o barro que vai usar. Há vários tipos e cores. Barro amarelo, vermelho, branco e uns mais escuros. Tem um barro que é melhor para panela, para peças decorativas e utilitárias, tijolos, telhas... (Fala de Nei da aula)

Signos mobilizados ao se praticar a moldagem das cerâmicas Xakriabá que constituem e afirmam um estilo de vida que se orienta por critérios que avaliam se a prática está sendo ou não bem executada. A cerâmica ocupou a sala de aula de um curso de formação intercultural para deslocar nosso olhar disciplinar, os conhecimentos que se experimentavam sem categorias de fragmentação conceitual. O pensar com a arte da cerâmica manifestou-se na perspectiva guerreira invadiu-se a escola, reafirmou-se a interculturalidade.

No processo da moldagem da cerâmica fomos levados ao encontro com os signos nos forçando a dar-lhes sentido. Sem esse encontro não haveria signo e não teríamos sido forçados a compreender como este fazer/saber representa a identidade deste povo, ou como esta prática sociocultural tem sua própria linguagem, utilizando, experimentando recursos e técnicas próprias que mantêm toda uma codificação de um universo próprio que é aprendido.

Para nós indígenas, não existe uma distinção sobre arte e artefato e a maioria dos indígenas artesãos não necessitam de nenhum tipo de especialização, eles não estudam para se tornarem artesãos, eles já nascem com dom passado de geração em geração, e outros aprendem no dia a dia, na observação, no tentar fazer. Não generalizando, cada povo tem seu próprio modo de fazer e pensar que remetem ao simbolismo de suas artes. (Silva, Da mota, 2019, p. 34).

Apresentou-se diante de nós um aprender com signos ao se praticar a moldagem das cerâmicas que nos levou a questionar, mais tarde, as tendências dominantes das pedagogias eurocêntricas em que pensamento, sentimentos, afetos, sensações estão radialmente separadas no processo de construção de conhecimento (matemático). Convocou-se a arte da cerâmicas Xakriabá sem ter como propósito elaborar uma reflexão teórica com a qual poderia ser fragmentada esta experimentação e, nem como uma mera exemplificação de conceitos da Matemática escolar ou como uma forma de desenvolver ações interdisciplinares na escola indígena usando um conhecimento que possui sua própria lógica, pertencente a uma forma de vida, a forma de vida Xakriabá.

Esta aula foi um convite para se contagiar com o que há de mais potente e pedagógico na arte de fazer cerâmica Xakriabá, para nos fazer pensar. A arte das cerâmicas Xakriabá que leva o pensamento a pensar, uma experiência que instiga o impensável do pensamento.

Todo mundo que eu conheço dança, canta, pinta, desenha, esculpe, faz tudo isso que o Ocidente atribui a uma categoria de gente, que são os artistas. Só que em alguns casos são chamados de artesãos e suas obras são chamadas de artesanato, mas, de novo, são categorias que discriminam o que é arte, o que é artesanato, o que é um artista, o que é um artesão (Krenak, 2016 apud Cesarino, 2016, p. 192)

Saber o que é arte, determinar o que é arte é algo tão complicado quanto explicar o que é a vida ou inclusive quanto querer explicar a prática da elaboração das cerâmicas Xakriabá fragmentando-a com base num olhar disciplinar, seja ele o da química, biologia ou da Matemática. A arte canta e dança e pinta e desenha e esculpe e... faz tudo isso e muito mais, e nela conhecimentos matemáticos são mobilizados de forma indisciplinar, ainda que nós, os acadêmicos possamos ver naquilo o que desejamos ver, como parte de um exercício de imposição do olhar.

E aqui, surgem modos outros de olhar e pesquisar que nos permitem ver nesta aula a necessidade de decolonizar e desconstruir discursos eurocêntricos que buscariam pela essencialidade e pelas verdades do que as coisas são. Dito procedimento permite o questionamento dos dualismos clássicos utilizados para categorizar os conhecimentos de povos não europeus. A pergunta não é pela matemática que há manifesta na prática, mas pelo que com ela podemos aprender dentro do sistema de pensamento em que ela se realiza. A colonialidade do saber se questiona quando Nei nos mostra como ao fazer/saber uma cerâmica estão se escrevendo histórias e elementos da cosmovisão Xakriabá. Animais são esculpidos, os animais

do território. A cerâmica como uma escrita que nos permite a produção de sentido e a produção de beleza pelas mãos deste artista.

2 Fazer/saber da cerâmica Xakriabá e matemáticas e vida....

“Eu pratico a arte da cerâmica Xakriabá por que através dela registro nossa resistência e nossos conhecimentos. É uma forma de resistir e de preservar nossa cultura e histórias”.
(Fala de Nei Xakriabá em nossa aula)

A resistência e a criação com o barro e as técnicas da prática da elaboração de cerâmica Xakriabá são forças motrizes de uma máquina de guerra para conjurar a uma educação que se organiza com base numa política colonialista, eurocêntrica e hierarquizante promovida pelo Estado. Ainda que na escola dos Xakriabá os conteúdos são organizados por idade e por série, com a arte da cerâmica e a aula que nós tivemos, Nei nos ensinou que na cultura indígena é diferente. A escola é amansada no processo de integração dos conhecimentos tradicionais nos processos de ensino, na busca pela permanência dos conhecimentos (matemáticos) Xakriabá.

Quando vou procurar o barro para fazer as cerâmicas eu caminho por todo nosso território. Eu observo a textura e sei de a humidade é o suficientemente boa para eu fazer uma cerâmica. Depois eu levo este material para meu ateliê eu coloco mais água nele, eu vou medindo com o olho o tanto que tenho que por de água. E com as mãos eu vou sentindo a textura também. Eu deixo o barro envolvido num plástico por dois, três, ou mais dias. Deixando a argila se tornar forte. O tempo que vai permanecer assim vai depender do que eu for moldar. (Fala de Nei Xakriabá em nossa aula)

“As matemáticas do olhar?” (frase proferida por uma estudante na aula) O olhar que conta o tempo, a textura que me diz do tempo que será necessário para que a peça de cerâmica permaneça no forno, o olho que sabe a temperatura que o forno está só de ver as peças e as cores que elas vão tomando. Ao se fazer algo, ensina-se aos mais novos que o tempo está dado/medido/controlado pela integração entre a argila e a água e o olhar.

Qual a idade para aprender esta arte? “Não há idade correta para tal, nem mesmo um momento específico para tanto; Todas as situações cotidianas em que os Xakriabá se envolvem a terra se mostram como momentos de aprendizagem para fazer/saber sobre a cerâmica.” (Fala de Nei Xakriabá em nossa aula).

A forma tradicional de fazer a queima é ao céu aberto, eu aprendo a fazer assim. Mas há algum tempo viemos fabricando outros fornos, eles chegam a temperaturas de 950 graus. Vejam, tem aqui abaixo duas cavidades, a gente vai colocando madeira por ali segundo o necessário para manter o forno na temperatura certa a noite toda. Tem aqui acima uma outra cavidade por ela eu fico de olho na cor do fogo, no tempo em que a madeira está sendo consumida pelo fogo... No olhar das pesas eu vou identificando a qual temperatura elas se encontram, depende da cor que ela está. Eu vou olhando. Me ensinaram a olhar. (Fala de Nei Xakriabá em nossa aula)

Assim, falar sobre o espaço de tempo que uma peça deve permanecer no forno (Ver figura 7) seja ele ao céu aberto ou em outros formatos, não significa só observar e falar de uma materialidade, mas da forma em que todos aqueles seres não humanos vão interagindo entre si.

A matemática do olhar, foi assim como nós, que estávamos ouvindo, entendemos a fala do Nei. Um fazer/saber do olhar.

Então, Nei: é uma matemática do olhar?

Sim, olhando eu vou sabendo do tempo no forno, do tempo do barro ficar na sacola... dá a umidade necessária... olhando. (Fala de Nei Xakriabá em nossa aula)

Além da produção de cuias em formatos de animais, a parte técnica do saber tem o conjunto de significados implícitos a cada apresentação que precisam ser aprendidos, a educação do olhar. Por exemplo, a identificação de qual argila será apropriada para a fabricação de cerâmica, não é qualquer argila que pode ser utilizada, mas isto só pode ser identificado após de muito estudo e tempo dedicado a aprender os signos que levam a tal aprendizagem.

A aula de cerâmica com Nei Xakriabá se mostrou como uma ação de resistência a todo um sistema colonial de formação em massa que busca o agrupamento e a ordem, criando seus próprios modos de existência expressos nos currículos. Uma aula com Nei Xakriabá na formação de professores indígenas numa perspectiva intercultural destoa o universal, isto é um ato de resistência. Assim, a cerâmica Xakriabá é resistência e permite a criação de modos de existência. A cerâmica é um ato de resistência que possibilita a abertura de novas potências libertadoras, devires que propiciam a criação em todas as esferas possíveis da educação escolar indígena, que além da disciplinaridade caminha junto com a indisciplinariedade manifesta na educação tradicional.

Figura 7. Forno construído por Nei Xakriabá.



Fonte: acervo da pesquisadora

Por vezes, a cerâmica se torna forma da geometria euclidiana – ela é capturada-, mas nas mãos dos artesãos ela continua sendo a forçar de outras escritas e outros pensamentos nômades que escapam a disciplinaridade do currículo, assim como também à contextualização de uma Matemática escolar. A cerâmica e seu nomadismo abrem fissuras para pensar num outro aprender que não é mais aquele da repetição, mas um aprender no encontro com signos e como uma experiência estética. “O nomadismo não só é possível no interior do Estado, como é absolutamente necessário para a sobrevivência de alguns indivíduos.” (Schöpke, 2004, p. 169). Esta arte faz parte do currículo intercultural indígena, ela é nômade por que esta no interior do estado mas ao mesmo tempo consegue escapar dele.

Figura 8. Ateliê de Nei Xakriabá.



Fonte: arquivo próprio.

O fazer/saber cerâmica quando levado para escola e para a formação do professor indígena traça uma linha de fuga criadora. A arte das cerâmicas do Nei entraram em nossa sala aula como parte de um movimento de resistência, o movimento de decolonizar na formação intercultural do professor indígena, pois “quando os Xakriabá perceberam o caráter selvagem, truculento e devorador da escola, decidiram “amansá-la” (Célia Nunes Correa, 2018).

[...] enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo ainda é racial, moderna e colonial. Uma ordem da qual todos de alguma forma participamos. Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a romper cadeias e desescravizar as mentes. (Walsh, 2007, p. 9)

A prática de elaboração de cerâmica Xakriabá ocupou um espaço por vezes a ela negado, mais do que a definir qual a matemática podia ser “verificada” o que se percebe que está em jogo, é a ‘problemática da definição’, pois a passagem de um registro (des)escrito em termos de uma matemática eurocêntrica ao outro que segue a (des)criação posta no moldar o barro torna aquele fazer/saber outro. A busca pelas definições traz no fundo o desejo do estabelecimento de uma linguagem universal, busca pelas soluções que dizem que “[...] modos de observar, comparar, organizar, classificar, medir, quantificar e contar e inferir, que são as categorias básicas do fazer matemático” (D’Ambrosio, 2018, p.189). Mas surge aqui um questionamento: esta caracterização não limita nosso olhar a um modo exclusivo e normativo de entender o que se diz, nos diferentes grupos culturais, sobre matemáticas e suas significações em uso?, entendendo que muitas vezes tais significações em uso não se apresentam sob estas caracterizações.

Esta questão é extremamente complexa quando o fazer/saber da pratica das cerâmicas Xacriabá se apresenta com uma pedagogia do olhar que não se preocupa em emitir juízos de valor, separar a arte da Matemática e da biologia e da química... mas se ocupa de apontar o que é feito com base em critérios de uma forma de vida, dizer que ali, por exemplo, há uma geometria não seria mundanizar uma pratica ancestral que hoje serve como mecanismo e tática de resistência as políticas da colonialidade do poder e do saber que violentam a este povo?.

Tal vez este questionamento nos permita caminhar em outras direções em primazia pela diversidade de entendimentos e perspectivas. Quem sabe possamos caminhar para um projeto que não possui e nem objetiva delimitar ou parametrizar as matemáticas no plural, mas sim, utilizar tal palavra para designar movimentos contra-hegemônicos que visam desconstruir a imagem única, exclusivista, machista e europeia de Matemática, ao promover práticas de formação de professores [que problematizem matemáticas] de caráter indisciplinar (Miguel, Souza, Tamayo & Monteiro, 2022). Há inegavelmente esforços no âmbito da Educação Matemática para questionar modos de olhar unilaterais na Educação Matemática e com esta escrita busco me aproximar desses movimentos (Souza & Miguel, 2020; Miguel et al., 2022; Tamayo, Silva, 2022; Miguel, Souza & Tamayo, 2023; Tuchapesk, Tamayo, Gomes, 2023).

Uma aula como um pequeno movimento que se alia a uma luta viva contra a lógica colonial que persiste no âmbito educacional. A decolonização que vem pela arte das cerâmicas Xakriabá mostra como este povo tem insurgido à lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos. (Maldonado-Torres, 2018).

Nei ao “cria mundos” com a arte, afirma o estilo de vida Xakriabá, afirma seus conhecimentos como uma arma de guerra. O olhar, como construção que leva à práticas de liberdade. Revelam-se existências que funcionam como máquina de guerra, um “movimento artístico (...) pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento (...)” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 47).

3 Que venham mais aulas, que continue a resistência: apontamentos inconclusivos

Aprender e desaprender como um exercício decolonial mostra que uma aula de cerâmica Xakriabá pode nos ajudar a questionar a nós mesmos, mais do que continuar a afirmar-nos ou afirmar o que as coisas são ou como deveriam funcionar com base nos critérios da epistemologia eurocêntrica. A arte nos permite duvidar dos modos em que fazemos pesquisas acadêmicas, ela não pressupõe julgar o que é ou não é original, o que é ou não é belo, o que é ou não a essência da Matemática ou a descrição das matemáticas mais adequada. Com a arte da cerâmica, nós que escutamos a Nei Xakriabá percebemos a impossibilidade de exprimir uma essência transcendente.

Deleuze nos permite entender que afirmar a diferença é apostar na vida, apostar nos possíveis e nas linhas de fuga que possam escapar dos sistemas de padronização, classificação, hierarquização, compartimentalização, medição e sobretudo, escapar dos sistemas de representação que acreditam na possibilidade de uma matemática fixa e exata como defendiam e alguns ainda defendem o discurso hegemônico da ciência matemática (Brum, 2010, pp. 266-267)

A cerâmica Xakriabá afirma a diferença, afirma um povo e territorializa a escola indígena, ela continua sendo produzida como um exercício nômade que tensiona a colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza, pois nela não há o reflexo de imagens teóricas da arte, de uma linguagem primeira ou, inclusive, de um marcador geométrico, ela vem sendo, como máquina de guerra herdeira da criatividade Xakriabá, um agenciamento que nunca se fecha sobre uma forma de interioridade, o nomadismo é sua principal característica, sempre que praticada esta arte ela compõe paisagens existenciais, cria um território, um lócus de vida.

É preciso que pensar numa Educação Matemática capaz de dialogar com outras epistemologias de formas menos prescritivas e mais inventivas, de formas menos coloniais e mais decoloniais, para que as possibilidades se multipliquem no fazer cotidiano das escolas e universidades, pois desta forma poderá ser contestado o desejo de universalização do conhecimento.

Referências

Brum, J. M. *Redes cotidianas de saberes e fazeres matemáticos: sobre possíveis potências e experiências de vida*. (2010). Teses (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo.

Carneiro, B. S. Arte: máquina de guerra. *Revista verve* no. 11, pp. 218-232, 2007.

Eshell, J. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. *Revista seLecT* (2018). Disponível



- em: <https://www.select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo-2/> Acesso: 15 de março de 2024.
- Deleuze, G. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Ed. Perspectivas, 1974. 2ª Edição.
- Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs — capitalismo e esquizofrenia v. 5*. São Paulo, Editora 34, 1997.
- Krenak, A. “Alianças vivas”. [Entrevista concedida a] Pedro Cesarino. In: Cohn, S.; Kadiwel, I. (Org.). *Tembeté – Conversas com pensadores indígenas*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017. p. 59-82.
- Leite, N. *Manual de Cerâmica Xakriabá*. Fino traço, Belo Horizonte, 2017.
- Maldonado-Torres, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernardino-Costa, J; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 27-54.
- Miguel, A, Souza, E, Tamayo, C & Monteiro, A (2022). Uma virada vital-praxiológica na formação indisciplinar de educadores. *Revista de Educação Matemática*, v. 19, 2022., 1-22. Recuperado de <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/66/66>
- Miguel, A, Souza, E & Tamayo, C. (2023). Asé O’u Toryba ‘Ara Íabi’õnduara!. In: M.A.V. Bicudo, B. Czarnocha, M. Rosa, & M. Marciniak. (Eds.) *Ongoing Advancements in Philosophy of Mathematics Education*. Springer: New York. Recuperado de https://doi.org/10.1007/978-3-031-35209-6_18
- Nascimento, R. D. S. Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- Oliveira, A. R. Política e Políticos Indígenas: A experiência Xakriabá. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília/DF: 2008.
- Souza, E. G. & Miguel, A. (2020). A encenação de práticas culturais na tessitura de outras escolas: a vida como eixo da ação educativa. *Revista Matemática, Ensino e Cultura*, n. 33, 166-184. Recuperado de <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/146>
- Silva, E. M., Da Mota, J. N. *Artesanatos Xakriabá sustentabilidade, conhecimentos e desafios*. Trabalho de finalização de curso. Universidade Federal de Minas Gerais. 2019.
- Schöpke, R. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. São Paulo, EDUSP; Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.
- Tuchapesk da Silva, M.; Tamayo, C.; Gomes Souza, E. Os Moxihatëtê Thëpë e a Educação Matemática?. *Revista de Filosofia e Ciências - PROMETEICA*, v. 27, p. 421-442, 2023.
- Tamayo, C., & Silva, M. T. (2022a). “Então prô ... O que é a Matemática?”. 3er Encuentro Latinoamericano de Etnomatemática. Villarrica, 26 al 30 de setembro.
- Walsh, C. Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad”. (Bogotá, 17-19 de abril de 2007). Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.